



“ESSE TRABALHO FAÇO DERNA DE PEQUENO”¹: Um olhar sobre trabalho e cotidiano na comunidade de Santiago do Iguape. (1960-1990).

Ana Paula Batista da Silva Cruz

Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana

Email: apbscunica@yahoo.com.br

Nesse texto, inventario as atividades produtivas mais recorrentes em Santiago do Iguape, como a pesca, a coleta de marisco, a confecção de barcos nos estaleiros locais, a “cabotagem” e os trabalhos nas roças, em busca de perceber significados históricos do ponto de vista dos trabalhadores dessa comunidade. Busco apreender como as atividades eram desenvolvidas por eles, a fim de perceber as práticas sociais inventadas/reinventadas cotidianamente.

Santana chama atenção para as análises dos trabalhadores rurais do Recôncavo da Bahia, colocando que:

As tendências de abordagens do viver no campo costumam identificar a cultura campestre pelo viés do folclore do exotismo, e pela supressão da complexidade histórica, abstraem o processo em reflexões que homogeneízam complexas estruturas de sentimentos e práticas sociais inventadas/reinventadas cotidianamente. [...] Ficam inibidos, pois, encontros e desencontros entre variados lugares, lugarejos, vilas, campos-cidades e passados, presentes e futuros onde e quando a vida cotidiana transcorre. Estudos esses que desassocia o viver lutar, o feminino do masculino, a festa do trabalho, a religiosidade da política, a linguagem das experiências alheias aos processos históricos vivenciados.²

Santana, inspirado por Williams³, acredita que essas abordagens valorizam modelos interpretativos consolidados e tradicionais, perdendo a oportunidade de apreender a diversidade social vivenciada por esses trabalhadores. As fontes indicam que as atividades produtivas em Santiago do Iguape, no período enfocado, eram desenvolvidas obedecendo aos períodos favoráveis para a plantação de roças e o tempo certo da colheita, em concomitância com os períodos sazonais da pescaria e mariscagem. Essa justaposição aponta a articulação no tempo do trabalho em terra e mar na localidade e o uso de espaços não conflitantes entre pescadores e marisqueiras⁴, que também trabalham na roça.

2.1 Entre o “Cuzer”, Lançar e Puxar de Redes: os modos de vida e trabalho dos pescadores de Santiago do Iguape

Sobre os usos do tempo do trabalho e as relações imbricadas entre o desenvolvimento das diversas atividades com os ritmos da natureza, apoio-me nos estudos de Edward Thompson que, em análise dos trabalhadores ingleses no século XVIII, coloca que:

Sem dúvida, esse descaso pelo tempo do relógio só é possível numa comunidade de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias parecem se desenrolar, pela lógica da necessidade diante dos olhos do pequeno lavrador. [...] Os pescadores e os navegantes devem integrar as suas vidas com as marés. [...] Da mesma forma, o trabalho do amanhecer até o crepúsculo pode parecer “natural” numa comunidade de agricultores, especialmente nos meses da colheita.⁵

Thompson buscou evidenciar que as diferentes notações de tempo são geradas por situações distintas de trabalho e relações com os ritmos naturais. Dessa forma, entendo que em Santiago do Iguape os tempos do trabalho obedeciam períodos sazonais de pesca e mariscagem. Como exemplo, em tempos frios e propícios à plantação, os pescadores e marisqueiras desenvolviam as atividades nas roças.

Por diversos ângulos, as memórias dos moradores de Santiago do Iguape revelam aspectos cotidianos das suas práticas de trabalho, que estavam submetidas aos condicionamentos do tempo da natureza⁶. Os horários de trabalho e os horários de descanso não eram rigorosamente estabelecidos, não existindo, assim, grande conflito entre trabalhar e, concomitantemente, “passar o tempo”.

O autor supracitado⁷ argumentou também que, numa sociedade de pequenos agricultores e pescadores, as tarefas diárias são as mais variadas, desde a pesca ao plantio, à construção de casas ao remendo de redes, à feitura de telhados. Enfim, essas atividades são geralmente orientadas pela lógica da necessidade diante dos olhos dos trabalhadores. Nesse sentido, essas notações dos tempos definem diferentes situações de trabalho e suas relações com os ritmos “naturais”.

A noção de tempo que se forjou nesse contexto foi próxima daquela defendida pelo autor como “orientação pelas tarefas”:

A notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita como orientação pelas tarefas. Talvez seja a orientação mais eficaz nas sociedades camponesas, e continua a ser importante nas atividades domésticas e dos vilarejos. [...] É possível propor três questões sobre a orientação pelas tarefas. Primeiro, há interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho de horário marcado. O camponês ou trabalhador parece cuidar do que é uma necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre “o trabalho” e “a vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e o “passar do dia”. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência.⁸

Inspirada neste argumento, analisei como os pescadores e marisqueiras nortearam o seu tempo, levando em consideração as tarefas que devem ser desenvolvidas no dia a dia. A pesca e a coleta de marisco ganham destaque nessa abordagem, especialmente por serem as atividades que aparecem em exaustão nos depoimentos. Considero pescadores e marisqueiras não só como grupos que desenvolvem uma atividade econômica, mas também como sujeitos que se articulam politicamente e constroem relações sociais na terra e no mar. Esses grupos estabelecem uma nova relação sociedade/natureza, valorizando práticas seculares de convívio com recursos naturais advindos da pesca e da agricultura, como forma de desenvolvimento e sustentabilidade⁹.

A pesca que denomino artesanal foi entendida como um conjunto de práticas culturais, de habilidades, de saberes e de modos de fazer, transmitidos oralmente nas comunidades de pescadores para assegurar a reprodução do seu modo de vida¹⁰. Os registros trouxeram à tona que os pescadores e marisqueiras de Santiago do Iguape conservavam conhecimentos conquistados durante anos de ofício; modos de fazer, como técnicas de pescas e de mariscagem; percepção do ritmo do tempo, das fases da lua e do vento; e um saber/fazer dos objetos de trabalho, mantendo uma estreita relação com a natureza.

Certeau e sua problematização dos modos de fazer, das práticas cotidianas e das táticas, foram o caminho metodológico para compreender o cotidiano dos pescadores e

marisqueiras de Santiago do Iguape. Suas proposições de apreender como os sujeitos atuam de acordo com o que lhes era oferecido permitem, no ofício da pesca e da coleta de marisco, avaliar possibilidades no fazer do seu trabalho definindo uma determinada prática. Esse mesmo autor colocou que “essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”¹¹.

Para entrar em contato com os antigos “modos de fazer” e de viver dos pescadores e marisqueiras de Santiago do Iguape, foi preciso que esses indivíduos abrissem as portas de suas casas, revelando memórias dos seus modos de fazer cotidianos. “A memória faz falar o indizível, trazendo para o presente, momentos históricos pretéritos e experiências silenciadas”¹².

Seu Dudu, pescador aposentado, concedeu-me uma entrevista sentado à mesa de sua casa, comendo uma moqueca de marisco, permitindo-se rememorar o seu trabalho como pescador:

É esse trabalho faço derna de pequeno é. Naquele tempo quando eu, ta perguntado aí do sistema né, mas naquele tempo quando eu pescava eu pescava de rede né, rede era de cordão, mas antes de eu pescar de rede eu pescava de massaquara, que hoje em dia é camboa.¹³

As narrativas de seu Dudu tornam-se importantes para compreender o trabalho no mar e a atividade pesqueira em Santiago do Iguape. Elas apontam que o ofício de pescador começava a ser desenvolvido a partir da infância, com os filhos sendo iniciados na pescaria para ajudar na renda familiar e para ter um ofício. E o trecho da entrevista citado indica práticas de um saber/fazer dos materiais de pesca em Santiago do Iguape, das mudanças no fazer dos objetos de pescas, como as massaquaras¹⁴ que cederam lugar para camboas¹⁵, as redes de pescas construídas artesanalmente com a utilização de cordão que cederam lugar para as construídas com fios de *nylon*.

Essas informações ajudam na reflexão sobre os modos de vida dos moradores de Santiago do Iguape, assim como o trabalho como história de vida¹⁶ aponta para uma relação entre cultura e natureza. “Se a cultura nos possibilita a compreensão das mudanças históricas, a apreensão da memória como um dos campos de prática social, certamente contribui para a percepção dos modos como os seres humanos lidam com o passado e como estes lhes interpela o presente”¹⁷.

Da mesma forma os relatos de seu Burica, meu avô, pescador aposentado, ainda morador de Santiago do Iguape, permitiram também acompanhar como os pescadores da comunidade vivenciaram as mudanças nos materiais de confecção e nos usos das redes de pescas. Ele se mostrou bastante preocupado em descrever “passo a passo” como eram produzidas as redes de cordão:

Pra fazer a rede de cordão, a gente fazia uma bitolazinha¹⁸ de bambu, tossia o cordão e aí que a gente ia fazendo as maia naquela bitola. Quando enchia a bitola a gente tirava e começava de novo, na outra ponta e aí ela ia. E depois dava a uma pessoa pra cortar a rede toda pra fazer a empanagem¹⁹, agora depois da rede toda quando tinha um buracozinho, os donos mesmos iam aprendendo pra consertar. Eu costurava rede, eu não fazia pra comercializar só fazia pra mim.²⁰

A descrição de seu Burica mostra as habilidades presentes no processo de confecção de redes feitas com cordão. Para ele, com a utilização antiga das redes produzidas industrialmente ou artesanalmente com fios de *nylon*, a prática da pesca se tornou menos dispendiosa. Essas mudanças sentidas pelo pescador ficam evidenciadas a seguir, no trecho do seu depoimento:

Quando as redes de *nylon* chegaram mudou, a gente usava a de cordão, a gente tinha que ir, aqui não tinha um manguê que chama sapateiro, que a gente bate, bota pra secar pra ele tirar aquela tinta, larga a tinta, pra gente pintar a rede pra guentar mais, e depois que apareceu o *nylon* o negócio melhorou, porque não precisava mais a gente se preocupar com tinta a rede já ficava na canoa.²¹

O processo de pintura das redes, produzidas a partir da tessitura do cordão de algodão, aparece na sua fala como uma das maiores dificuldades. As redes tecidas com estes fios de cordão se deterioravam facilmente devido ao contato com a água do mar. Para aumentar a durabilidade do objeto de pesca, era necessário pintá-lo, a tinta advinha da extração das folhas do “Sapateiro”, planta subaquática que tem como ambiente natural os mangues. Porém, essa planta não existia em Santiago do Iguape.

Os vendedores ambulantes de cidades próximas comercializavam latas da folha de “sapateiro” batida, cabia aos pescadores o trabalho de secar essas folhas e dissolvê-las na água para formar a tinta. Seu Burica reclamava que esse processo tinha que ser feito várias vezes durante o mês:

Era do cordão branco mesmo, cordão mesmo, aí a gente fazia a rede, daí a gente ia procurar sapateiro, pelo mangue, que tinta vinha de lá de fora, aí a gente comprava o cara já trazia batido, chegava aqui ele vendia as latas, aí a gente comprava, espalhava no sol pra secar, depois de seco a gente guardava, aí ia botando dentro da água, aquela quantidade que a gente ia usar. Quando a gente via, era duas, três. Três pescarias tava dando outra tinta, pra rede não apodrecer.²²

Para ele, a recorrente pintura das redes tornava a pescaria um trabalho mais dispendioso, o que explica a sua afirmativa referente à transição das redes tecidas com cordão para as confeccionadas com *nylon*: “Depois que apareceu o *nylon* o negócio melhorou, porque não precisava mais a gente se preocupar com tinta a rede já ficava na canoa”²³.

Aliado ao trabalho de pintar as redes, existia a preocupação de guardá-las longe do mar para evitar o apodrecimento do produto original. Quando as redes de cordão cederam espaço para as redes de *nylon*, esta obrigação deixou de existir. Seu Burica rememora as transformações nos modos de viver dos pescadores de Santiago do Iguape, as mudanças no “modo de fazer” dos objetos de pescas, sobretudo, das relações dos pescadores com a natureza, e como estes criaram e vivenciaram novos contornos dessa relação sujeito-trabalho-natureza.

Seu Fefeco apresentou outra denominação para o processo de pintura das redes e relembrou também um dos primeiros proprietários de redes de *nylon* na comunidade:

Quando a rede era de cordão, deixe ver já tive sim e era curada, curava com tinta, de mangue, a gente preparava tinta né, com três dias ela já tava nessa cor ô. Quando a gente tintava a rede quer dizer que curava, essa tinta era que curava a rede de cordão, eu tive uma foi a primeira que eu tive, daí, dessa época pra cá, foi quando começou com a rede de *nylon*, na época do *nylon* eu já tinha família, que a primeira rede de *nylon*, que teve aqui foi o pai dessa Jusélia não sei onde foi que ele comprou e trouxe pra aqui, eu pescava em uma canoa dele.²⁴

O pescador utilizou a expressão “curar” para caracterizar o processo de pintura das redes de pesca. No momento da entrevista, Fefeco estava costurando uma rede de pesca com fios de *nylon* em tonalidade marrom. Gesticulando muito, mostrou que a rede de cordão, quando “curada”, ficava com uma tonalidade marrom, revelando que a pintura da rede exigia um determinado tempo, “com três dias ela já tava nessa cor ô”²⁵.

Figura 4: Fotografia do pescador Ademário, com uma rede de pesca



Fonte: Acervo da pesquisa de Campo

No momento da entrevista com seu Fefeco, não consegui fazer o registro fotográfico dele costurando a rede. No entanto, a fotografia do pescador Ademário, 48 anos, morador de Santiago do Iguape, retrata o material descrito por seu Fefeco. Ademário demonstra no quintal de sua casa uma rede de pesca utilizada para pegar peixe grande. Ela foi tecida com *nylon* de cor semelhante às redes “curadas com sapateiro” pelos pescadores de Santiago do Iguape.

O depoimento de seu Fefeco aponta também para relação entre a vida doméstica e o trabalho. Sua vida conjugal demarca temporalmente o aparecimento das redes confeccionadas com *nylon* em Santiago do Iguape: “na época do *nylon* eu já tinha família”²⁶, evidenciando a íntima relação entre o trabalho e os laços familiares. Quando ele destacou um dos primeiros proprietários de redes com esse novo material em Santiago do Iguape, apontou também um aspecto importante nas relações produtivas do local: o aluguel de canoas e redes de pescas.

Na época eu não tinha rede, eu pescava na dos outros, na de Pedro Cabrito, porque eram quatro pessoas aí então o que pescava os donos da rede comprava o camarão, e dava o dinheiro ali era dividido né, eu também não tinha canoa, as canoas era dele, a rede era dele, então quando eu vim me entender como gente que já tava eu pesquei, tive rede, tive canoa também eu pagava por mês, pra pescar na rede, era mesmo que você tivesse uma casa e alugasse, ele alugava canoa, eu levei tempo pescando na canoa de Duardo.²⁷

A prática do aluguel de canoas e redes era comum em de Santiago do Iguape entre 1960-1990, principalmente devido ao custo e manutenção dos apetrechos da pesca²⁸. Os pescadores saíam para o mar geralmente em grupos de quatro pessoas e capturavam os pescados que seriam vendidos para o dono dos objetos de pescas. O dinheiro era dividido entre o grupo de pescadores e, ao final do mês, quitava-se o aluguel das canoas.

As redes de pescas e as canoas eram compradas em cidades vizinhas, como Maragojipe, que mantinha uma estreita relação com Santiago do Iguape na comercialização de canoas, de redes de cordão e de tintas de “sapateiro” para sua conservação. Referente à produção de canoas em Santiago do Iguape, o pescador Burica esclareceu que lá não se fazia:

Aqui não faz canoa, aqui conserta. Quando os donos sabia eles mesmos consertavam, se não soubesse pagavam uma pessoa pra consertar. Só não fazia canoa, porque aqui não tem madeira, que dê pra abrir, porque o pau pra canoa é muito grande, e aqui por esses matos não tinha não.²⁹

Sobre a mesma questão, seu Fefeco registrou que:

Eu não costurava não, eu comprava rede miúda, quando precisava eu ia pra Nagé³⁰. Nagé vendia, em Ocupe vendia muito mais eu não cheguei a ir pra Ocupe comprar não, comprava em Nagé porque o pessoal lá vivia disso, de costurar rede, hoje eu costuro eu costuro pra vender³¹.

Ele inicialmente comprava as redes, depois começou a confeccioná-las, transformando essa prática em atividade produtiva, pois, mesmo não exercendo mais o ofício de pescador, continua costurando-as para comercializar. Se as canoas eram compradas fora, a confecção das redes de cordão em Santiago do Iguape era, na maioria

das vezes, um trabalho coletivo: a construção das malhas ficava a cargo de um grupo, os cortes e acabamento, de outro³².

Apreender os “modos de fazer” desses moradores nas práticas cotidianas das atividades pesqueiras permitiu analisar como os indivíduos experimentavam a “Cultura do Trabalho” enquanto práticas sociais, como o “cuzer”, lançar e puxar das redes de pescas, que apontam para a construção de um trabalho coletivo.

É importante apreender que não se quer pensar a cultura como elemento exterior a complementar qualquer ordem social, mas ao contrário que ela é elemento importante na sua constituição e assim pode ser investigada como um “sistema de significações” de maneira ampla, de modo a permitir a inclusão de todas as práticas e assim definir-se como um processo social constitutivo que cria diferentes e específicos modos de vida³³.

A prática coletiva da pesca foi recorrente nas falas dos interlocutores da pesquisa:

Pescava com muita gente naquele tempo, pra gente lembrar o nome, ia em conjunto, pescava, a redinha mesmo, pescava quatro pessoa, com redinha, pesca camarão, pesca mirim, botou a rede lá ô, traz pra cá o que vim pesca.³⁴

Na época eu não tinha rede, eu pescava na dos outros, na de Pedro Cabrito, ah eles dividiam né, porque eram quatro pessoas aí então o que pescava os donos da rede comprava o camarão, e dava o dinheiro ali era dividido né.³⁵

Quando eu pescava de noite eu pescava mais papai, a primeira redinha que eu pesquei, me chamaram pra pescar foi do finado Anecreto, o marido de Lalú, foi a primeira pescaria que eu fiz de redinha, foi com ele aí fui pescar no canto, pescar no outro e assim por diante³⁶.

Os pescadores explicam que era necessário pescar em conjunto, “pela dureza do trabalho” devido às dificuldades em lançar e puxar a rede ao mar. A prática da pesca na maioria das vezes era exercida entre pessoas do mesmo núcleo familiar ou entre compadres e grupos de amigos.

Pescava com muita gente naquele tempo, pra gente lembrar o nome, ia em conjunto, pescava, a redinha mesmo, pescava quatro pessoa,

com redinha, pesca camarão, pesca mirim, botou a rede lá ô, traz pra cá o que vim pesca³⁷.

Os lucros gerados na pescaria e os pescados não comercializados eram divididos entre os pescadores. Na divisão dos pescados, o proprietário da canoa ou da rede geralmente ficava com uma parte maior.

Os pescados eram comercializados pelos próprios pescadores nos balaios pelas ruas ou no porto de Santiago do Iguape, também nas “vendas” pelos comerciantes ou revendidos pelos chamados “atravessadores” em feiras de cidades próximas, como Cachoeira, Santo Amaro e Salvador. Uma prática bastante recorrente em Santiago do Iguape era a comercialização do camarão defumado e de pescados conservados no sal, secos com o auxílio do sol.

Dessa forma, busquei nesse texto apresentar o cotidiano de desenvolvimento das várias atividades e os significados históricos do ponto de vista dos trabalhadores da localidade, mostrando dos lugares de pescas, dos roçados, das artes de pescas, dos instrumentos de trabalho, das relações com a natureza e dos modos de vida, enfocando o saber/fazer desses trabalhadores. A justaposição entre a articulação no tempo do trabalho em terra e mar.

¹ Expressão retirada da entrevista realizada no dia 27/01/13 com seu Aderval Melo, conhecido como seu Dudu, pescador aposentado e residente na comunidade quilombola Santiago do Iguape.

² SANTANA, Charles d’Almeida. “Trabalhadores Rurais do Recôncavo Baiano: Memórias e Linguagens”. **Projeto História**, nº 16, 1997. P. 193-194

³ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

⁴ O termo marisqueira, no feminino, se justifica porque o processo de coleta de marisco é feito, em sua maioria, por mulheres.

⁵ THOMPSON, Edward Palmer. “Tempo Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial”. In: _____ **Costumes em comum**. Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁶ Ver: CASTELLUCCI JÚNIOR, Wellington. **Pescadores da modernagem: Cultura, trabalho e memória em Tairu, BA. (1960-1990)**. São Paulo: Annablume, 2007.

⁷ THOMPSON, Edward Palmer. “Tempo Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial” In: _____ **Costumes em comum**. Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁸ Ibid., p. 271-272.

⁹ DIEGUES, Antônio Carlos. O olhar do pesquisador. In: _____. **Enciclopédia Caiçara**. Vol. 1. São Paulo: Ed. Hucitec/Nupaub-CEC/USP, 2004. p. 105-115.

¹⁰ DIEGUES, Antonio Carlos. **A pesca construindo Sociabilidades**: leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa Sobre Populações e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.

¹¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

¹² CRUZ, H. F.; FENELON, D. R.; PEIXOTO, M. R. C. Introdução. In: MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P.R.; KHOURY, Y. A. (Org.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'água, 2006. P. 215.

¹³ Entrevista realizada no dia 27/01/13 com seu Aderval Melo, conhecido como seu Dudu, pescador aposentado e residente na comunidade quilombola Santiago do Iguape.

¹⁴ Espaços de pesca no mar, construídos com estacas. Dentro desses espaços, os pescadores utilizavam a maruã, uma espécie de armadilha feita com cipó verdadeiro ou, como costuma chamar os moradores da comunidade, um “cofo” (utensílio redondo, com um pau atravessado, esse pau ajudava na captura dos pescados). A prática da pesca em “massaquaras” não é mais realizada na comunidade quilombola de Santiago do Iguape.

¹⁵ “Camboas” também são espaços de pescas no mar, construídas com estacas. Elas diferiam da “massaquara” pois adicionava o “copo”, este aprisionava os pescados quando a maré vazava.

¹⁶ Bosi salientou que a memória do trabalho vira memória da família, ocorre uma fusão do trabalho com a própria substância da vida. BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁷ CRUZ, H. F.; KHOURY, Y.A.; PEIXOTO, M. R. C. Introdução. In: MACIEL, L.A; ALMEIDA, P.R; KHOURY, Y.A. (Org.) **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'água, 2006. P.218.

¹⁸ Um pedaço de bambu, utilizado para medir o tamanho da malha da rede.

¹⁹ O termo “empenagem”, nas entrevistas realizadas, referia-se à confecção da própria rede em si, ou seja, o produto final.

²⁰ Entrevista realizada no dia 19/12/12 com seu Aloísio Ferreira da Cruz, 77 anos, conhecido na comunidade como Burica.

²¹ Idem

²² Idem

²³ Idem

²⁴ Entrevista realizada no dia 18/03/2010 com Seu Fernando da Cruz, pescador, conhecido na comunidade como Seu Fefeco.

²⁵ Idem

²⁶ Idem

²⁷ Idem

²⁸ Até os dias atuais é comum encontrar pescadores que não possuem canoas e redes, e pagam aluguel ou pescam no sistema de meias.

²⁹ Entrevista realizada no dia 18/03/2010 com Seu Fernando da Cruz, pescador, conhecido na comunidade como Seu Fefeco.

³⁰ Nagé é um distrito da cidade de Maragojipe, localizada no Recôncavo da Bahia.

³¹ Entrevista realizada no dia 18/03/2010 com Seu Fernando da Cruz, pescador, conhecido na comunidade como Seu Fefeco.

³² Malhas são os tamanhos dos espaços feitos na rede; redinhas, que servem para pescar camarão e peixes menores, têm malhas pequenas.

³³ FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. **Projeto História**. São Paulo, n.º. 14, 1981.P.86.

³⁴ Entrevista realizada no dia 19/12/12 com seu Aloísio Ferreira da Cruz, 77 anos, conhecido na comunidade como Burica.

³⁵ Entrevista realizada no dia 18/03/2010 com seu Fernando da Cruz, pescador, conhecido na comunidade como seu Fefeco.

³⁶ Entrevista realizada no dia 27/01/13 com seu Aderval Melo, conhecido como Seu Dudu.

³⁷ Idem